

PÚBLICO LOCAL

ANTÓNIO CARRAPATO



O monumento alentejano começa a ser destapado para satisfação dos habitantes e turistas

Zimório da Sé de Évora “foi ao dentista”

Especialistas trabalharam na torre da catedral alentejana durante meio ano para travar degradação do granito

JOSÉ PINTO DE SÁ

Évora recupera esta semana a silhueta medieval, à medida que são desmontados os andaimes que, durante meio ano, envolveram a torre da Sé para trabalhos de conservação. A Catedral de Santa Maria, começada a edificar cerca de 1280, é quase inteiramente construída em granito local e a pedra apresentava claros sinais de degradação.

O “reconhecimento” do valor patrimonial da Sé e a “preocupação” pelo estado em que se achava levaram o Instituto Português do Património Arquitectónico (Ippar) a solicitar ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil que produzisse um “estudo de metodologia de diagnóstico e de conservação de rocha granítica”. O estudo confirmou que o estado de conservação da Sé prendia-se sobretudo com a degradação do granito e com a remoção dos revestimentos, que terá acelerado o descair dos blocos em pedra.

O Ippar candidatou ao Programa Operacional da Cultura uma intervenção em duas fases na catedral. A primeira, que agora se conclui e custou cerca de 750 mil euros, consistiu numa acção de conservação no zimório, onde o granito se achava mais degradado. A segunda, “em fase de programação e previsão de custos”, deverá incidir sobre o resto do edifício.

O zimório é constituído por uma torre lanterna, única do género no país, com o coruchéu cónico coberto por “escamas” de pedra, algumas delas já quase imperceptíveis. O mau estado devia-se à acção da água, o mais poderoso dos agentes de alteração da rocha através de variados e complexos processos físicos, químicos e biológicos.

Por isso, era imperativo “travar a entrada da água”, como explica Sofia Salema, técnica do Ippar, a fim parar ou, pelo menos, minimizar os processos de degradação. O tratamento com um agente biocida seguiu-se a um minucioso levantamento arquitectónico e à identificação das tipologias de degradação das várias áreas do imóvel.

Os técnicos perscrutaram centímetro a centímetro a superfície da torre, removendo a flora que crescia

no exterior, antes de abordarem a consolidação da pedra e a limpeza das juntas. Num minucioso “trabalho de dentista”, como diz Salema, retiraram as argamassas sem coesão ou impróprias, usadas em anteriores restauros, e substituíram-nas. Também foram substituídos alguns blocos de granito e resolvidas “situações pontuais” de desalinhamento de pedras e fracturas. Toda a superfície foi protegida com a aplicação de um hidrófugo, substância que preserva da humidade.

A intervenção chegou ao fim “dentro dos prazos”, como sublinha Sofia Salema, ao cabo de seis meses. Agora os andaimes estão a ser desmontados, abatem-se as redes de protecção e o zimório reaparece, de cara lavada. A maior parte dos passantes não nota, ao olhar de baixo, uma grande diferença, mas quase todos se congratulam por ver ressurgir a silhueta familiar da velha torre.

A Sé de Évora, edificada “dentro dos estilos de transição romano-góticos”, é uma “volumosa e severa construção de cantaria” com um pórtico ogival ornado de estútuas dos apóstolos. Segundo o historiador Túlio Espanca, trata-se uma “obra arcaica que marca a nasença da escultura no Sul do país”. ■